

# Mística e natureza no pensamento de Albert Schweitzer

Mysticism and nature in the thought of Albert Schweitzer

Josias da Costa Júnior\*

## Resumo

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a relação entre mística e natureza a partir do pensamento místico ético de Albert Schweitzer. Sua noção de “reverência pela vida” implica profundo respeito a todas as formas de vida (humana e não humana). Essa atitude de respeito é encontrada na postulação ética de Schweitzer, baseada na experiência mística do desejo de viver, que se manifesta em todos os seres vivos. Na conclusão, algumas contribuições serão apontadas para discussões sobre a emergente questão ecológica que está relacionada com a religião e a espiritualidade através de um misticismo ético e de um misticismo ecológico.

Palavras-chave: Religião. Mística. Natureza. Vida.

## Abstract

This article aims to reflect about the relationship between mysticism and nature from the mysticism and nature from Albert Schweitzer's mystical thought ethical. His concept of “reverence for life” implies profound respect for all forms of life (human and non-human). This attitude of respect is found in postulation ethics of Schweitzer, based on mystical experience of the desire to live, which is manifested in all living. In conclusion some contributions will be brought to discussions about the emerging ecological issue that is related to religion and spirituality through an ethical mysticism and a ecological mysticism.

Keywords: Religion. Mysticism. Nature. Life.

---

## Primeiras considerações

Ao propor uma abordagem a partir do binômio *mística e natureza*, tomando como base de reflexão Albert Schweitzer, proponho conseqüentemente uma reflexão, que relaciona religião e ecologia desde o ponto de vista de quem pode interpretar o mundo com o fito de melhor entendê-lo. Perguntar acerca de quem explica o mundo é, sem dúvida, igualmente importante, mas tal questão é tarefa das ciências exatas através de suas teorias. A compreensão e suas relações privilegiam outros aspectos que transcendem o universo das abordagens que visam sua explicação, pois a compreensão do mundo e suas relações significam ultrapassar a física e dar voz à teologia e à filosofia. Nesse sentido, as ciências da

---

\* Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião na Universidade do Estado do Pará. E-mail: [josiasdacosta@gmail.com](mailto:josiasdacosta@gmail.com).

religião, em particular, e as ciências humanas, em geral, podem contribuir na abordagem de diversas questões, pois visam interpretar o mundo em seus diferentes aspectos.

Albert Schweitzer nasceu em 14 de janeiro de 1875 na pequena cidade de Kaisersberg, na Alsácia, que na época fazia parte do Império Alemão, mas atualmente a região pertence à França. Estudou filosofia e teologia na Universidade de Strasbourg e ganhou fama como teólogo ao publicar um revolucionário trabalho teológico em que ressalta as visões escatológicas de Jesus. Mais tarde, publicou obra de grande abrangência sobre filosofia da civilização, lançada como *Filosofia da Civilização*, publicada em dois volumes. Com o livro *O misticismo de Paulo, o apóstolo*, Schweitzer conclui sua trajetória filosófico-teológica, iniciada no fim dos anos 1800, com pesquisa sobre filosofia da religião. Além disso, ele foi grande concertista organista e se dedicou também à construção desse instrumento com objetivo de torná-lo mais adequado para a execução da obra de Johann Sebastian Bach.

Schweitzer largou toda sua carreira e fama (docente, músico e escritor), pois entendia que não podia aceitar a felicidade do mundo como algo natural, antes deveria pagar o seu tributo por ela. Essa atitude resultava de uma profunda experiência religiosa que o impulsionava a dar novo rumo à sua vida: a partir dos trinta anos de idade dedicaria sua vida exclusivamente ao outro. Com isso, entrou para a faculdade de medicina da Universidade de Strasbourg, doutorou-se em 1913, casou-se com Helène no mesmo ano e com ela mudou-se para a África e ali, Schweitzer, que ganhou o Prêmio Nobel da Paz em 1952, gastou sua vida cuidando das pessoas pobres que eram atingidas por diversas doenças (Schweitzer, 1959, p. 90-94).

Ao tomar a decisão de seguir para a África, Schweitzer não encontrou apoio de parentes e de amigos. Seu senso de chamado para a nova atividade se assemelha a de uma experiência religiosa mística (Schweitzer, 1959, p. 95). Sua opção de exercer a medicina na África simbolizou a opção pelo silêncio, pois ali não falaria sobre sua religião de caridade, mas tão somente a realizaria. Sua vida de dedicação ao outro se objetivou, portanto, como médico. Fundou o hospital de Lambarené,<sup>1</sup> que se tornou referência no tratamento de doenças tropicais e, por isso, atraiu muitos cientistas e médicos. Albert Schweitzer morreu no dia 04 de

setembro de 1965, aos noventa e cinco anos, em Lambarené exercendo plenamente suas atividades.

A fim de alcançar o objetivo aqui proposto, começarei meu percurso retomando, ainda que brevemente, a configuração da relação entre o ser humano e a natureza, que até a Idade Moderna foi harmoniosa, mas que no período moderno passou por ruptura. Em seguida explorarei as ideias de Albert Schweitzer a partir do conceito fundamental para a compreensão do seu pensamento ético, que é a famosa noção de *reverência pela vida*. Em seguida destacarei a possibilidade de se pensar a natureza a partir da compreensão de sacralidade, com vistas à defesa incondicional de tudo que vive. Ao fim do breve percurso concluirei tecendo algumas considerações e destacando algumas contribuições a partir do que foi explorado no pensamento de Schweitzer.

### **1. O problema da ruptura entre ser humano e natureza**

Nesta sintética incursão histórica, o objetivo principal é mostrar que a relação do ser humano moderno com a natureza é significativamente diferente daquela postura articulada no pensamento teológico/filosófico medieval, marcada pela harmonia entre ser humano e natureza.

Segundo Maria Luiza Landim, a teologia/filosofia na Idade Média não oferece a oportunidade para se falar de uma relação negativa entre ser humano e natureza. Os filósofos/teólogos medievais basicamente tomaram o conceito grego de natureza (*physis*), segundo o qual é o conjunto harmonioso de tudo que compõe o universo. O que a Idade Média fez, com lentes cristãs, foi imprimir o acréscimo da noção de natureza como criatura de Deus. Tomás de Aquino, por exemplo, apoiado em Aristóteles, vai entender a natureza a partir da possibilidade de gerar vida (nascimento). A natureza, a partir dessa compreensão, significa o “princípio intrínseco do movimento”. A possibilidade de harmonia entre o ser humano e as demais criaturas se dá na perspectiva de uma teologia da criação que está apoiada na ideia de que “todos os seres possuem uma natureza análoga a dos outros” (Cf. Landim, 2001, p. 144-145). Nesse sentido, Landim conclui que até o período medieval é possível postular que a relação entre o ser humano e a natureza foi teológica e filosoficamente positiva.

Se até o período medieval a relação entre o ser humano e a natureza é marcadamente harmônica, o mesmo não acontece com o período subsequente, que será protagonista da ruptura dessa relação de harmonia. Essa ruptura resulta de múltiplos fatores de transformação, sendo que os mais significativos giram em torno da filosofia e da ciência. No âmbito da filosofia, Albert Schweitzer observa que seu ponto de partida não é a filosofia da natureza, mas sim René Descartes, considerado aquele que vai inaugurar de fato o pensamento moderno (Marcondes, 2007, p. 164) e o problema epistemológico por ele apresentado (Schweitzer, 2013, p. 128). Para Schweitzer, a essência da natureza humana está no pensamento, então todas as coisas concebidas clara e distintamente são verdadeiras. Portanto, a filosofia do *cogito*, de Descartes, está definitivamente alicerçada no homem. Ele propõe duas definições centrais para a filosofia e que deixarão marcas profundas no contexto moderno: o homem como *res cogitans* e opostamente a da coisa como *res extensa*, inaugurando um novo tempo em que há a supremacia do sujeito sobre o objeto: a natureza (cf. Chomsky, 2006, p. 59).

Com a separação epistemológica entre ser humano e natureza, esta foi reduzida a objeto de manuseio científico e cálculo matemático (cf. Chomsky, 2006, p. 62). Isso significou a perda da aura de mistério capaz de despertar o desejo de contemplação, como aconteceu até a Idade Média. Assim, a natureza passou a ser vista desde o ponto de vista geométrico e mecânico. Ser humano e natureza estão divorciados, fazendo com que a relação passasse a ser regida pela lógica da oposição. De um lado estão os que participam do reino da liberdade. Do outro está a natureza dos seres submetidos ao determinismo das leis físicas e biológicas. Nesse cenário, a natureza pertence à esfera menos privilegiada. Dessa forma, não é exagero afirmar que uma das marcas significativas desse período moderno é o desejo de ser senhor e de querer sujeitar a natureza à razão e à vontade do ser humano. As palavras de René Descartes que sintetizam muito bem esse desejo afirmam que o ser humano é “senhor e mestre da natureza” (Descartes, 2000, p. 114).

Na esfera da ciência, consolida-se o modelo mecânico. Trata-se da formulação matemática da concepção mecanicista da natureza, a partir da física de Isaac Newton, que forneceu uma sólida teoria matemática do mundo. Newton combinou o método empírico, indutivo de Francis Bacon e o método racional, dedutivo – representado por Descartes –, a fim de garantir uma teoria confiável. Para Newton, as partículas materiais, as forças entre elas e as leis fundamentais

do movimento foram criadas por Deus. Assim, todo o universo foi posto em movimento e daí prosseguiu funcionando como uma máquina, controlado por leis inalteráveis. Eis a concepção mecanicista do mundo moderno, relacionado a um forte determinismo (Capra, 2006, p. 61). Vale destacar que Schweitzer acrescenta que Newton procede de modo característico ao espírito de sua época. Ou seja, embora tenha sido totalmente empírico na investigação da natureza, sua visão de mundo se mostra “ingenuamente cristã” (Schweitzer, 2013, p. 133).

O apogeu do antropocentrismo como centro de todas as decisões é alcançado com Immanuel Kant por meio da proclamação de forma definitiva e absoluta da razão autônoma. Somente esta, segundo Kant, “é necessária e aconselhável para servir de orientação” (Kant, 2013, p. 47). Como filho do seu tempo, o pensamento de Kant está restrito às ações do ser humano para com o ser humano: “Age de tal maneira que possas usar a humanidade, tanto em tua pessoa como na pessoa de qualquer outro, sempre e simultaneamente como fim e nunca simplesmente como meio”. Na perspectiva dos deveres, sua ética não lhe permitia incluir nela o comportamento do ser humano para com os seres não humanos. A consequência mais imediata e perene foi a deflagração progressiva da dominação técnica e científica sobre a natureza. Através dessa intervenção técnica e científica, a razão fez a incrível descoberta de submeter todos os entes (a realidade toda) aos seus desígnios (Cf. Landim, 2001, p. 150).

Para Schweitzer, o projeto ético de Kant não consegue perceber o problema do princípio fundamental da moral, pois insiste em permanecer em um limite estreito da esfera ética. Ao permanecer nos estreitos limites do antropocentrismo, Kant é impedido de penetrar nos amplos espaços que o permitiriam perceber o princípio básico da moral, pois este certamente “deve se relacionar de alguma maneira com o comportamento do homem com a vida como tal, em todas as suas manifestações” (Schweitzer, 2013, p. 166).

O ser humano moderno foi cada vez mais impregnado pela visão otimista do mundo, abandonando a visão pessimista que o orientou até a Idade Média. Tal visão otimista não resulta da compreensão do mundo em relação à afirmação do mundo e da vida, mas de sua influência no mundo por meio do conhecimento e da tecnologia. Essa é a razão pela qual a esperança e o desejo de viver assumem um tom positivo (Schweitzer, 2013, p. 129).

A conclusão de Schweitzer, após visitar o pensamento ético que se gestou no período moderno, é de que René Descartes conduziu a filosofia “a um caminho equivocado” ao promover a divisão irreconciliável do “mundo em objeto pensante e objeto com extensão”. Isso, segundo Schweitzer, causou uma verdadeira cegueira, impossibilitando que os filósofos modernos enxergassem que “o mundo é vida e que na vida está o mistério dos mistérios” (Schweitzer, 2013, p. 190). Nesse sentido, é preciso trilhar outro caminho que seja em direção à vida. Ao trilhar outro caminho, embora aqui o mais adequado seja dizer, ao navegar por outras águas, Schweitzer descobre novas paisagens, menos áridas, cheias de possibilidades, como mostrarei a seguir.

## **2. Reverência pela vida**

Se os projetos filosóficos e éticos deixaram muitas lacunas e não conseguiram tocar naquilo que devia ser o principal, Albert Schweitzer está disposto a preencher essas lacunas. Como pensador, ele está muito associado ao seu projeto que ganha forma através de uma filosofia da civilização, que passa em revista, de modo sintético e objetivo, mas sem prejuízo para a análise crítica, as várias concepções do mundo: filosófica, religiosa, ética; utilitarista, pessimista, otimista (Schweitzer, 2013, p. 75-83). Ele evoca grandes figuras do pensamento humano com precisão, encontrando-se com a concepção chinesa na distante Antiguidade, passando pelo pensamento filosófico grego, através de Sócrates, Platão e Aristóteles, além dos expoentes romanos como Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio, para depois mergulhar nos grandes vultos da filosofia ocidental.

Schweitzer se empenha fortemente para deixar claro que o problema ético está centralizado na busca de um princípio básico da moral, e que era essa a grande e a principal carência, percebida e denunciada por ele, das concepções éticas anteriores. Segundo ele, tais concepções éticas continham apenas fragmentos do princípio básico da moral, mas não conseguiram penetrá-lo de fato. Na perspectiva de Schweitzer, pareciam estar com os olhos vendados e assim foram impedidos e não puderam perceber o ponto principal, que é o princípio básico da moral.

O grande interesse vitalista foi o que motivou Schweitzer a ler os pensadores dessas diferentes épocas. Dessa forma, interessaram-lhe

estritamente “os argumentos por meio dos quais eles fundaram a Ética.” (Schweitzer, 2013, p. 45).<sup>2</sup> Isso expressa, de algum modo, uma busca intensa, longa, e até mesmo angustiante, uma verdadeira peregrinação movida por algo que o toma visceralmente, mas que alcança seu objetivo. Sua busca dura algum tempo, até que em uma longa viagem navegando pelas águas do rio Ogooué, na primavera de 1915, Schweitzer relata a seguinte experiência:

devagarinho subimos o rio, tateando penosamente por entre bancos de areia, pois era época de seca. Perdido em pensamentos, ficava sentado no convés da chata, empenhado na luta pelo conceito elementar e universal do ético que eu jamais encontrara em filosofia alguma. Enchia folhas e mais folhas com frases desconexas, unicamente para permanecer concentrado no problema. Na noite do terceiro dia, quando, ao pôr do sol, navegávamos por entre rebanho de hipopótamos, subitamente me ocorreu aquilo que eu não havia suspeitado nem procurado: a ‘reverência pela vida’. A porta de ferro cedera e abriu-se um caminho através da confusão. Eis que, finalmente, penetrara até a ideia na qual estão contidas juntamente a afirmação do mundo e da vida, e a ética! Agora sabia que a concepção do mundo, afirmadora do mundo e da vida, juntamente com seus ideais de cultura, se baseiam no raciocínio. (Schweitzer, 1959, p. 163)

A narrativa de Schweitzer se revela como um encontro com algo inesperado. Ela é descrita nos moldes de uma experiência religiosa mística, na medida em que se trata de uma experiência central e fundante em sua vida. Seu relato é permeado de simbolismo (“...na noite do terceiro dia...”) e sua busca era pelo conceito fundamental da ética – não encontrado por ele na tradição filosófica. Ao buscar esse princípio que nele estava encarnado, ele encontrou o que não procurava, mas que surgiu em seu pensamento, subitamente, como um raio que o atingira em forma de frase: *reverência pela vida*. Isso o surpreendeu, mas também ficou a certeza de onde está situado esse princípio: no pensamento. Mais adiante, ao explicar o que é e como nasce a reverência pela vida, Schweitzer o faz nos seguintes termos:

se o homem quer chegar à clareza sobre si mesmo e sua relação com o mundo, tem que abstrair sempre de novo dos numerosos pormenores que constituem seus pensamentos e seu saber, e lembrar-se do fato básico, imediato e sempre presente, que é a sua consciência. Só partindo dela poderá chegar a uma concepção do mundo pensante. (Schweitzer, 1959, p. 164).

O tom místico em que se dá a explicação permanece e se acentua. Schweitzer concebe a possibilidade de conhecimento imediato através da razão,

veículo através do qual se pode alcançar e conceber o mundo. Ele critica o axioma *cogito ergo sum*, de Descartes, pois este envereda pela abstração; é oco, sem que pudesse conduzir o ser humano a uma relação consigo mesmo e com o mundo, antes colocando no caminho do pensamento moderno uma nebulosa abstrata e, ao mesmo tempo, cerrando as portas que levariam à ética. Assim, para Schweitzer, o ato de pensar deve necessariamente conduzir a algo, pois pensar possui um conteúdo: “eu sou vida que quer viver, no meio da vida que quer viver.” (Schweitzer, 2013, p. 285). Nessa tautologia, ele afirma que esse deve ser o postulado da filosofia, como também deve ser o da religião, através de suas diferentes expressões. Nesse sentido, racional é aquele que pensa sobre si e sobre a vida, que não se limita ao humano, mas se estende às criaturas não humanas. Por isso, ele insiste em dizer que “a afirmação da vida é aprofundamento, é espiritualização e é um crescente impulso da vontade de viver.” (Schweitzer, 1959, p. 165). Ou seja, o ser humano racional é aquele que afirma a vida, toda forma de vida.

A mística aqui está ligada a uma experiência abrangente através da qual é capaz de captar a totalidade das coisas como totalidade orgânica, plena de valor e de significação. Schweitzer enfaticamente assume uma postura crítica frente à limitação do projeto filosófico moderno, que contribuiu por pensar a vida fundamentada sobre os ideais técnico-científicos da sociedade moderna. Todavia, Schweitzer propõe uma análise mais aprofundada nos seus valores éticos e espirituais, encontrados no sentimento de respeito pela vida, que se fundamentam em si mesmo e nela se encontra uma visão ética do mundo. Segundo critica Schweitzer, isso não se dá por meio de um ato cognoscitivo, mas através de experiência imediata do mundo. Nesse sentido, quando o pensamento se lança em profundidade acaba no misticismo ético.

Como protestante europeu criado no círculo na tradição do liberalismo teológico, que privilegia a moral evangélica em detrimento dos dogmas, não é de se criar espanto que o pensamento e a vida de Schweitzer tenham esse núcleo do misticismo ético. Portanto, mística e ética se encontram e Schweitzer destaca, a partir de Paulo, a supremacia do ético na religião, demonstrada na concretude do serviço ao outro, assim como foi sua vida na selva africana (Schweitzer, 2006, p. 388-389). Com isso, como místico, ele não poderia ser qualificado de outra forma a não ser sob a alcunha de místico em ação.



Além disso, como filósofo, Schweitzer mostra que da afirmação da vida e do mundo emerge a mística ética baseada no pensamento fundamental, que é a preocupação com necessidades primárias da vida. Essa mística ética resulta de herança religiosa, da vontade e também de uma visão científica do mundo, que se apresenta na sua filosofia da *reverência pela vida*. Conforme afirma:

se de alguma maneira minha vida dedicar-se à vida, meu desejo de viver finito experimenta a unificação com o desejo de viver infinito, no qual toda a vida é apenas uma. Recebo o frescor que me protege do calor sufocante no deserto da vida [...] A intuição e o anseio de toda a religiosidade profunda estão contidos na ética do respeito à vida. (Schweitzer, 2013, p. 288).

Schweitzer rejeita expressões religiosas, místicas ou pensamento filosófico que negam o mundo e a vontade de viver em benefício de uma inegociável afirmação da vida e do mundo. Nesse processo de intensificação da vida e do mundo, tanto a dimensão científica, a vontade, como também a religiosidade, são assumidas na ética do respeito à vida.

Nessa perspectiva vitalista, pensar a religião significa pensar que ela celebre e afirme a vida, pois não há espaço, na perspectiva de Schweitzer, para que a religião não demonstre clareza em querer este mundo e a vida que nele pulsa. Não há espaço para a celebração da destruição da vida em todas as suas dimensões, pois a partir da noção *reverência pela vida*, Schweitzer busca a religião da incondicional afirmação da vida e do mundo. A afirmação incondicional significa não estabelecer critérios qualitativos a partir da saúde e da perfeição, mas isso necessariamente deve incluir a vida fragilizada, debilitada, deficiente. Nesse universo, o que é mais importante é afirmar a vida, a vida de todas as criaturas, de todo ser humano e a sua própria vida.

### **3. Sacralidade da Natureza**

Ao ampliar a preocupação ética para além do comportamento do ser humano para com o ser humano, estendendo a todas as criaturas, Albert Schweitzer confere à natureza dimensão de sacralidade. Por isso afirma: “o homem só é ético quando a vida como tal, quer da planta quer do animal e do homem, lhe é sagrada, e quando sai em socorro da vida periclitante.” (Schweitzer, 1959, p. 165-166). Rigorosamente esse tipo de preocupação ética

para com todos e tudo que vive resulta também dessa visão de que a natureza é sagrada. Tal concepção permite, de modo muito seguro, pensar que a ética se configura como obrigação de ver a todos os seres vivos, com seus respectivos desejos de vida e potencialidades, com o mesmo respeito que se tem ao próprio desejo de viver, de continuar vivo.

Essa concepção, que arremessa Schweitzer sem freio em direção ao outro, também tem influxo em seu misticismo, que nada tem de abstrato, muito pelo contrário. Sua rejeição ao abstrato se mostra na defesa que faz de um misticismo de ação, na medida em que condena o misticismo de identidade com o ser. Segundo ele, “a realidade desconhece a maneira como o indivíduo poderá estabelecer uma relação com a totalidade do ser.” (Schweitzer, 2013, p. 281). O que a realidade conhece, conforme Schweitzer, é a manifestação do ser em cada indivíduo e, por isso, a identificação se dá por meio das relações entre os indivíduos. O misticismo real é aquele que rejeita as abstrações e se converte em misticismo de ação. Portanto, a identidade com o ser se objetiva na medida em que há dedicação ao outro.

Schweitzer está convicto de que o pensamento ético é errático e, como um trem que saiu dos trilhos, precisa ser reconduzido. Um movimento indispensável para que essa recondução aconteça é que o pensamento ético deve se tornar místico.

Buscar compreender toda a dedicação exercida na ética como manifestação de um comportamento íntimo e espiritual para com o mundo; e não se entregar ao raciocínio abstrato, mas permanecer elementar, estabelecendo a dedicação ao mundo como dedicação da vida humana a todo ser vivo com que possa se relacionar. (Schweitzer, 2013, p. 283).

Conforme afirmei no item anterior, Schweitzer dirige suas críticas ao marco referencial filosófico moderno, que se notabilizou através do axioma: *penso logo sou*. Esse princípio, para o doutor da selva, fez com que o caminho do abstrato se tornasse inevitável, abrindo as portas para que a ética entrasse em uma nebulosa abstrata. O que a filosofia deve postular, segundo ele, é a afirmação incondicional da vida. É desse princípio que nasce o misticismo da união ética com o ser. Essa é a ética cujo princípio fundamental da moral afirma que o bem é a promoção incondicional da vida e o mal é a destruição da vida.

O que importa, portanto, é afirmar a vida incondicionalmente e isso significa afirmar toda e qualquer forma de vida, sem que haja o julgamento prévio sobre o merecimento de simpatia ou de valor. Não cabe o questionamento sobre qual é a vida que deve ou não continuar, qual é a mais ou menos valiosa, quem é capaz ou não de sentir. O ser ético, enfatiza Schweitzer, é aquele que está aberto à imperiosa vontade de oferecer ajuda a todo e qualquer ser vivo, pois, segundo afirma, “para ele, sagrada é a vida como tal.” (Schweitzer, 2013, p. 286).

Schweitzer rejeita, de fato, o misticismo de identidade com o ser. Contudo, não se pode entender suas ideias sem considerar o “princípio da identidade”, na medida em que advoga que o pensamento ético deve se tornar místico. Esse princípio é a compreensão de que há a participação do infinito no finito, ou da possibilidade do finito ter participação no infinito. Dito de outra forma: significa que todas as coisas se identificam com o ser que está presente em tudo. No caso postulado por Schweitzer, a identidade se dá por meio da manifestação do ser, do divino em cada indivíduo. A participação do divino em cada criatura, portanto, é o que caracteriza o princípio da identidade. Na aproximação do indivíduo em direção aos demais indivíduos, caracteriza-se, por sua vez, a identificação com o ser, com o indivíduo (Tillich, 2004, p. 99).

Essa possibilidade mencionada acima, de identificação das coisas humanas e naturais com o infinito, aponta para as tradições místicas e permite estabelecer o vínculo de Schweitzer com essas tradições. Com isso, ele demonstra que não se conformou em circunscrever a religião apenas no interior dos limites da moral, na medida em que se empenhava em resguardar contrastes entre a identidade e o distanciamento, ou seja, considerava que havia plena possibilidade de reunir aspectos que aparentemente eram irreconciliáveis. Nesse sentido, Schweitzer permite pensar na possibilidade de conceber a presença do divino em todas as coisas humanas e naturais, em todo ser vivo, pois nele pulsa a relação entre o infinito e o finito. Essa é a base que torna viável a compreensão de sacralização da natureza que se objetiva em um misticismo ético.

Essa dimensão de sacralidade conferida à vida, movido pela certeza de que tudo é perpassado pelo divino, confere a Schweitzer a certeza de que todo e qualquer esforço para manter todas as formas de vida viva é necessário e vale a pena, pois esse é o verdadeiro comportamento do ser humano ético. Essa certeza

é também acompanhada da consciência de que ele está um passo à frente do seu tempo, conforme afirma:

hoje acreditamos ser exagero dispensar atenção contínua a toda criatura viva, até suas manifestações mais ínfimas... Entretanto chegará o momento no qual nos surpreenderemos pelo fato de que a humanidade precisou de tanto tempo para enxergar o dano irrefletido à vida como algo incompatível com a ética. (Schweitzer, 2013, p. 286).

Não deve haver, portanto, limites na preocupação e responsabilidade para com tudo que vive, pois para Schweitzer, e também conforme diz a canção, “tudo o que move é sagrado.”<sup>3</sup> Nesse sentido, emerge a atitude de preocupação e cuidado para com tudo que vive e é nesse fomento e nesse processo de intensificação da vida é que se aloca a religião: “a intuição e o anseio de toda a religiosidade profunda estão contidos na ética do respeito à vida.” (Schweitzer, 2013, p. 288).

A postura radical de defesa da vida é a única possibilidade para Schweitzer, que não negocia com o comportamento humano pautado por uma ética relativa. Sua postulação é pela inegociável defesa da vida, que resulta em críticas severas a todas as formas de prejuízo à vida (humana e não humana). O limite do “inevitável” e do “necessário” não deve ser ultrapassado, ou seja, os prejuízos causados às demais criaturas devem ser somente os inevitáveis, assim como o uso dos recursos naturais devem ser somente para o que for necessário. Trata-se, portanto, de defender uma relação de profunda reverência a tudo que é vivo, a ponto de se indignar com o sofrimento de animais usados como cobaias ou que sofrem outros tipos de maus tratos, conforme denuncia: “quanta tortura sofrem os animais apenas para demonstrar aos alunos fenômenos conhecidos!” (Schweitzer, 2013, p. 293). Portanto, sua defesa é por atos responsáveis para com tudo e todos que estão vivos.

Fica evidenciada em Schweitzer, a rejeição de uma concepção de ser humano que se coloca no centro de uma natureza que deve estar ao seu inteiro dispor a fim de lhe servir sem medida. Por isso, ele defende com ardor e de modo incansável uma postura ética que é a da absoluta e inegociável vontade de viver, que respeita e afirma incondicionalmente não apenas alguns modos de viver ou algumas formas de vida, como se houvesse o privilégio de um sobre outro, mas

os processos de intensificação da vida, segundo postula Schweitzer, valem para todo desejo de viver e todas as formas de vida.

### **Apontamentos finais**

Ao fim desse breve percurso, quero destacar alguns aspectos que emergem a partir do pensamento de Albert Schweitzer. A peculiaridade das postulações de Schweitzer é que ele propõe seu pensamento ético conjugando uma relação entre a razão e a importância do sentimento, sugerindo que a ruptura entre essas esferas é uma arbitrariedade. O rompimento, dessa forma, é com o projeto de reduzir o ser humano a uma única dimensão, assim como rompe também com a separação epistemológica entre ser humano e natureza, que, por sua vez, foi reduzida a objeto de manuseio científico e cálculo matemático. Dessa forma, oferece a oportunidade para romper também com o antropocentrismo moderno e pensar na perspectiva da reconciliação entre ser humano e natureza. Com isso, a noção de reverência pela vida, articulada por ele, é adequada para as atuais reivindicações alinhadas ao pensamento ecológico, pois pressupõe a ideia de um parentesco universal, ou seja, todos pertencem à mesma comunidade vital nesta terra (Moltmann, 2012, p. 150). A reverência pela vida abarca todos os seres da terra, infunde-se em todo ser que vive uma aura de sacralidade. Assim, a vida é o dinamismo sagrado que pulsa em toda natureza.

Do ponto de vista da inserção do pensamento de Schweitzer, sua percepção é que as produções éticas se mostraram insuficientes por não cindirem a realidade e por passarem ao largo do problema fundamental da moral, que é a atitude de total reverência à vida, então ele mesmo assume a tarefa de articular seu pensamento a partir desses escombros. Dessa preocupação é que surge um pensamento que valoriza a vida toda e todas as formas de vida (humana e não humana) e é por meio dessa afirmação da vida e desse mundo, no qual todos estão inseridos, que surge a mística ética e a religião da afirmação incondicional da vida.

A noção de reverência pela vida, de Schweitzer, implica necessariamente unir reverência religiosa, no sentido de uma postura de sacralização da vida, a um respeito moral diante da vida, tanto da vida em si como também da vida de todos os seres que habitam o mundo. Essa é a religião almejada por ele. Uma postura de respeito radical à vida pode começar a partir daquelas que são as

mais vulneráveis, que no caso da vida humana podem ser os mais pobres, os doentes e os indefesos em geral. No caso de animais e plantas, a preocupação primeira de respeito à vida recai sobre as espécies que estão ameaçadas de extinção. Trata-se de uma experiência religiosa decorrente da certeza de sagrada é a vida e que ela é quem deve ser santificada, pois é santa. Santos, por assim dizer, são aqueles que afirmam incondicionalmente a vida de tudo e de todos.

O misticismo ético, a partir da noção de reverência pela vida, pode ser fundamento para pensar também nas atuais reivindicações de um pensamento ecológico, de um misticismo ecológico, de uma religiosidade ecológica. No contexto amazônico, esse misticismo ecológico pode se apresentar nas religiões do chá (Santo Daime e União do Vegetal), que se caracterizam pelo êxtase e pelo contato com o divino após a ingestão do chá. Diante das atuais reivindicações do pensamento ecológico, essa perspectiva de experiência religiosa e mística oferece, para muitos, a possibilidade de maior integração com a natureza (Higuet, 2001, p. 140).

Finalmente, a atitude de respeito e profunda reverência pela vida caracterizam-se conseqüentemente atos concretos de respeito ao meio ambiente. Essa atitude está na postulação ética de Albert Schweitzer fundamentada na experiência mística da vontade de viver, que se manifesta em todos os seres vivos. Assim, suas postulações permitem maior alargamento das discussões sobre questões ecológicas articuladas com a religião, ciências e com a espiritualidade.

## **Referências**

CHOMSKY, Noam. *Sobre natureza e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*. A ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo: Cultrix, 2006.

DESCARTES, René. *Discurso sobre o método*; para bem dirigir a própria razão e procurar a verdade nas ciências. 9. ed. Curitiba: Hemus, 2000.

HIGUET, Etienne. Misticismo e sincretismo na espiritualidade ecológica brasileira: justificação e crítica a partir do pensamento de Paul Tillich. *In.: Estudos de Religião*. n. 20. São Bernardo do Campo: UMESP, junho de 2001, p. 132-135.

KANT, Immanuel. *Textos seletos*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

LANDIM, Maria Luiza P. F. *Ética e natureza no pensamento de Bergson*. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2001.

MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MOLTMANN, Jürgen. *Ética da esperança*. Petrópolis: Vozes, 2012.

SCHWEITZER, Albert. *Cultura e ética*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1953.

\_\_\_\_\_. *Minha vida e minhas ideias*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1959.

\_\_\_\_\_. *Filosofia da civilização: queda e reconstrução da civilização e ética*. São Paulo, 2013.

\_\_\_\_\_. *O misticismo de Paulo, o apóstolo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2006.

TILLICH, Paul. *Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX*. 2. ed. São Paulo: ASTE, 2004.

---

<sup>1</sup> Sobre o Hospital e a Fundação Albert Schweitzer <http://www.schweitzerlambarene.org/fr/>.

<sup>2</sup> Schweitzer critica a obra mais importante sobre a história da ética naquele momento, escrita por Friedrich Jodl: “Geschichte der Ethik als philosophische Wissenschaft” (História da ética como ciência filosófica), pois seu autor não mediu a distância que as diferentes concepções resguardavam do princípio básico da moral.

<sup>3</sup> Canção “Amor de índio” de Beto Guedes e Ronaldo Bastos.

Recebido em 16/06/2015, revisado em 19/07/2015, aceito para publicação em 19/07/2015.